

NARRATIVAS DE ALUNOS SURDOS SOBRE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DO ENSINO INCLUSIVO

Antônia Genilma da Costa Oliveira¹
Orientador: Dr. Jeová Araújo Rosa Filho²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade investigar como alunos surdos fazem sentido de suas experiências escolares de aprendizagem de língua inglesa, tendo como princípio o paradigma do ensino inclusivo. A pesquisa foi embasada teoricamente em documentos oficiais que orientam sobre educação inclusiva e direitos de pessoas surdas, bem como em autores seminais sobre pedagogia crítica e inclusiva, a exemplo da Constituição de 1988; Decreto nº 5.626/02; Lei nº 10.436/02; Freire (1987) e Mantoan (2015). Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como estudo de caso, seguindo uma abordagem de natureza qualitativa. A geração de dados desenvolveu-se a partir da participação de três alunos surdos do curso de Letras/Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido-Ufersa Caraúbas, os quais responderam a um questionário que os estimulou à produção de narrativas de aprendizagem. Os resultados apontam para uma complexa teia de narrativas que indicam êxitos e dificuldades de aprendizagem, sendo as dificuldades mais recorrentes. As experiências de êxito têm relação com vivências dentro e fora do ambiente escolar, nos permitindo observar contrastes entre instituições de ensino públicas e privadas, além da relevância do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo-CAS. Além disso, as narrativas são repletas de denúncias de exclusão, o que nos faz refletir sobre o panorama atual da educação inclusiva no Brasil.

Palavras-chave: Aprendizagem de Inglês; Inclusão; Pessoas Surdas.

ABSTRACT

The purpose of this article is to investigate how deaf students make sense of their English language learning experiences at school, based on the paradigm of inclusive education. The research was theoretically based on official documents that provide guidance on inclusive education and the rights of deaf people, as well as seminal authors on critical and inclusive pedagogy, such as the 1988 Constitution; Decree No. 5.626/02; Law No. 10.436/02; Freire (1987) and Mantoan (2015). Methodologically, the research is characterized as a case study, following a qualitative approach. Data generation was based on the participation of three deaf students on the Languages/Libras course at the Federal Rural University of the Semi-Arid Region - Ufersa Caraúbas, who answered a questionnaire that encouraged them to produce learning narratives. The results point to a complex web of narratives that indicate learning successes and difficulties, with the difficulties being more recurrent. The experiences of success are related to experiences inside and outside the school environment, allowing us to observe contrasts between public and private educational institutions, as well as the relevance of the State Center for Training Educators and Care for the Deaf-CAS. In addition, the narratives are full of denunciations of

¹ Graduanda licenciada em Letras/Inglês pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Orientador, Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

exclusion, which makes us reflect on the current panorama of inclusive education in Brazil.

Keywords: Learning English; Inclusion; Deaf people.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade apresentar um estudo sobre pessoas surdas e suas narrativas de aprendizagem de língua inglesa na escola básica, tendo como fundamentação a discussão sobre o ensino inclusivo. Durante muito tempo as pessoas surdas não tiveram acesso a uma educação que atendesse às suas especificidades, proporcionando-lhes recursos materiais, uma escola inclusiva que promova a igualdade de oportunidades aos alunos, com professores capacitados e que tenham compromisso com a educação de todos. A pesquisa foi embasada teoricamente em documentos oficiais que orientam sobre educação inclusiva e direitos de pessoas surdas, bem como em autores seminais sobre pedagogia crítica e inclusiva, a exemplo de Freire (1987) e Mantoan (2015).

Esta pesquisa, tem como objetivo geral investigar como os participantes fazem sentido de suas experiências escolares de aprendizagem de língua inglesa, tendo como princípio o paradigma do ensino inclusivo. A partir desse objetivo central, traçamos como objetivos específicos: (1) interpretar narrativas de aprendizagem de língua inglesa por pessoas surdas, refletindo criticamente sobre êxitos e/ou dificuldades, tendo como fundamento os paradigmas de uma educação inclusiva; e (2) compreender traços de inclusão e/ou exclusão escolar nas narrativas analisadas. Partindo do exposto, estabelecemos as seguintes questões principais de pesquisa: (1) o que nos revelam as narrativas de pessoas surdas em suas experiências de aprendizagem de língua inglesa nas escolas? E (2) como essas narrativas podem ser compreendidas na perspectiva da educação inclusiva na sala de língua inglesa? Pois, há uma grande complexidade de se compreender as experiências de aprendizagem em um cenário de multiculturalidade em que é traçado pelo encontro de três línguas (Libras, Português e inglês)

Os surdos sempre enfrentaram grandes desafios e precisam estar atentos a essa realidade, pois eles têm direito a uma educação que atenda as particularidades de cada um, objetivando desenvolver suas capacidades. Deve-se ressaltar, que a educação inclusiva tem o propósito de abraçar a diversidade, fugindo de perspectivas educacionais que não respeitam as realidades e especificidades dos estudantes.

Diante desse contexto, a aprendizagem da língua inglesa pelo aluno surdo é um princípio democrático e tem a sua importância, não só para garantir a inserção deste indivíduo como cidadão do mundo, mas para permiti-los ampliar seus repertórios linguístico-culturais.

A educação acessível tem que ser oferecida a todos os brasileiros. Pois, se é um direito de todos, não deve existir nenhuma distinção, deve ser igualitária e oferecer as mesmas oportunidades de ter uma educação de qualidade que contemple a todos os indivíduos. É preciso motivar os alunos diariamente, para que assim, eles possam aprender e superar as barreiras da exclusão, fator este que envolve questões a serem refletidas e trabalhadas.

A questão da equidade de acesso e permanência na escola está prevista no artigo 206 da constituição Federal é muito importante principalmente para comunidade surda. No entanto, muitas das vezes o professor não tem o preparo, não sabe Libras ou a própria instituição não dispõe do serviço de intérpretes e acaba que esses alunos são excluídos.

O aprendizado de inglês para aluno surdo é ainda mais desafiador, porque ele tem que saber Libras para se comunicar com a comunidade surda, tem que saber português por causa da escola e ainda tem que aprender o inglês que é uma terceira língua. Então, é de responsabilidade de toda a comunidade escolar colaborar para que as pessoas surdas também tenham possibilidades de aprendizagem, mesmo com seus desafios particulares.

O primeiro passo para um ensino de língua inglesa democrático e dialógico é o professor saber ouvir seus alunos, saber dialogar com a comunidade surda. Somente assim será capaz de saber como ele está se sentindo em relação a sua experiência de aprendizado. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2018), o ensino da inglês propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, daí decorre a importância de aprender a língua inglesa - de possibilitar que todos os alunos participem ativamente em cenários locais e globais - e isso requer da escola uma experiência educacional que os transformem em agentes ativos de seus próprios caminhos de aprendizagem, através de uma educação dialógica.

O interesse de pesquisa nessa área emergiu das discussões na disciplina de CAC1728 - Prática Pedagógica Programada III, no Semestre 2020.1 no âmbito de minha formação docente no Curso de Letras Inglês da UFERSA Caraúbas, cuja ementa

tinha como objetivo estudar o ensino do inglês sob a perspectiva da educação inclusiva, algo que me possibilitou conhecer espaços escolares com práticas pedagógicas destinadas ao atendimento da pessoa com deficiência e como atuar em contextos escolares desenvolvendo propostas de ensino inclusivas. A partir do meu contato com o trabalho de Mantoan (2015) e através do contato com os alunos surdos na universidade, o interesse sobre essa temática se consolidou e eu vi a necessidade e a importância de desenvolver minha pesquisa na área da inclusão, investigando o contexto local.

Pois é importante entender a escolha do tema que se justifica como uma tentativa de procurar conhecer a realidade de alunos surdos que fazem parte do contexto da Ufersa, através das suas narrativas, refletindo criticamente sobre êxitos ou dificuldades para a implementação de uma educação inclusiva. E, como futura professora de inglês é importante demarcar, que estou sensível a essa questão da inclusão. Este trabalho também traz como repercussão a possibilidade de oferecer subsídios aos professores de inglês em suas práticas de ensino com alunos surdos de forma inclusiva. Acredito que nessa relação de ensino-aprendizagem ocorre uma troca de conhecimento entre o professor e o aluno, através da qual ambos aprendem um com o outro e essas relações de aprendizagem podem ocorrer de muitas maneiras. Como postulado por Freire (1987), não existe ensino sem aprendizagem e os papéis de professor e aluno vão se inverter constantemente.

Do ponto de vista metodológico, a escolha de se investigar experiências humanas a partir de suas narrativas é relevante, pois as narrativas nos acompanham em nosso cotidiano, seja como instrumento de construção do saber, seja como instrumento de interação e de afirmação pessoal dos indivíduos em seu grupo social. Compreendemos, portanto, a narrativa como um ato de fala e, portanto, inerente ao indivíduo.

Ao desenvolver narrativas, os sujeitos surdos, através de suas experiências, constituem suas identidades e se tornam pessoas conscientes dos seus direitos na sociedade. Nesse contexto, a presente pesquisa pretende aprofundar estudos sobre as narrativas dos alunos surdos do curso de Letras Libras da Ufersa Caraúbas e dessa forma, contribuir para que esses alunos conquistem seus espaços dentro da sociedade.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: Logo após a introdução, apresentaremos o Desenvolvimento da Fundamentação Teórica divididos em dois subtópicos: Considerações sobre educação inclusiva; e, Perspectivas inclusivas para o ensino de inglês a pessoas surdas. No terceiro tópico a seção dos Aspectos

Metodológicos da Pesquisa que será o momento de discorrer sobre o percurso metodológico da pesquisa. No quarto tópico, cujo título é “Resultados e Discussões”, divididos em dois eixos: Eixo de análise 1: as realidades dos participantes; e, Eixo de análise 2: narrativas de aprendizagem de língua inglesa. Concluindo as análises a partir das narrativas de aprendizagem dos alunos surdos de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido-Ufersa, os quais colaboraram com a pesquisa. Em seguida, temos as considerações finais, as referências e os anexos que são Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE; e, Anexo II: Questionário do Google Forms aplicado da minha pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente seção é desenvolvida em duas partes. Primeiramente, trouxemos considerações sobre a educação inclusiva e em seguida, apresentamos perspectivas inclusivas para o ensino de inglês a pessoas surdas.

2.1 Considerações sobre educação inclusiva

Atualmente, a educação especial assume uma perspectiva inclusiva, isto é, pressupõe que todos os estudantes devem conviver e compartilhar o mesmo ambiente de ensino e aprendizagem, livres de discriminação injustas, participando e aprendendo junto. A escola inclusiva valoriza as potencialidades de cada sujeito e oferece condições para que todos aprendam e se desenvolvam plenamente.

É assegurado pela Constituição Federativa do Brasil de 1988 que a educação seja um direito universal, e por isto, deve contemplar a todos os sujeitos. Em decorrência disso, defendemos a importância de a pauta da educação especial na perspectiva inclusiva estar sendo discutida e implementada em contextos reais de ensino e aprendizagem.

A partir da Declaração de Salamanca (1994), produzida pela Organização das Nações Unidas-ONU, a sociedade avançou para o paradigma atual da inclusão. Com a elaboração da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), a deficiência passou a ser entendida a partir de uma perspectiva social e de direitos humanos, como elemento da diversidade humana e não mais como um aspecto relacionado às individualidades

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) também garante, em seu artigo 27, que a educação seja direito da pessoa com deficiência, tendo assegurado um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

A proposta de Educação Inclusiva ao longo de sua história se constituiu em grande proporção na perspectiva segregativa ao lançar o olhar sobre a deficiência apenas como um aspecto referente ao fisiológico das individualidades humanas e não à relação entre as pessoas. Neste sentido, de acordo com Mantoan (2003), na perspectiva inclusiva devemos olhar para o aluno com deficiência acreditando nas suas potencialidades, guiando-os a exercer todas as suas capacidades e sobretudo compreendendo que as deficiências só são limitantes quando nos eximimos de compreender a nossa responsabilidade inclusiva em relação ao outro. No caso específico da pessoa surda, por exemplo, compreender a deficiência relacional implica em perceber que a surdez em si não é um aspecto limitante, mas sim a impossibilidade de comunicação entre um mundo oralizado, que desconhece Libras, e a comunidade surda.

Partindo do pressuposto de que o aluno com deficiência precisa ser estimulado, para que exerça e desenvolva suas capacidades cognitivas, o papel da escola é dar atenção ao processo de aprendizagem, levando em consideração, essencialmente, o modelo de aprendizagem do aluno e seu desempenho. Em que Mantoan (2003), nos chama atenção para o fato da inclusão oferecer uma possibilidade de transformação na educação com mudanças positivas no âmbito educacional pois:

A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas — sempre se avalia o que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão. (Mantoan, 2003, p.18).

Esses problemas estão presentes no modelo de educação atual e seriam mais facilmente resolvidos se as escolas fossem reorganizadas para melhor atender a esses alunos com especificidades distintas, se houvesse mais diálogo entre os pais, professores e toda gestão escolar.

Segundo Mantoan, (2003, p.33),” as escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação e o ensino que ministram difere

radicalmente do proposto para atender às especificidades dos educandos que não conseguem acompanhar seus colegas de turma, por problemas que vão desde as deficiências até outras dificuldades de natureza relacional, motivacional dos alunos”. Um exemplo comum é encontrado onde os debates sobre a língua refletem ansiedades culturais mais amplas, ou seja, onde a língua é, de fato, um pretexto visível e conveniente para mostrar interesses sociais mais abrangentes.

Para Mantoan (2003, p.48), “a escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão”. A educadora, deixa evidente todo seu amor, dedicação e luta pela causa da inclusão e realmente acredita nesse sonho se tornar possível. Para ela, por mais que o movimento inclusivo nas escolas seja desafiador, por mais que ainda seja muito contestado, pelo caráter ameaçador de toda e qualquer mudança, especialmente no meio educacional, convence a todos pela sua lógica e pela ética de seu posicionamento social. Nesse aspecto, o aluno surdo, vai de fato, estar incluído, com seus direitos respeitados.

A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorar convenientemente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de agirmos com realismo e coerência e admitirmos que as escolas existem para formar as novas gerações, e não apenas alguns de seus futuros membros, os mais capacitados e privilegiados. (Mantoan, 2003, p.36).

Dessa forma, podemos perceber que a inclusão, pode acontecer no nosso meio e é possível a partir das pequenas iniciativas que tomamos nas nossas vidas, em sociedade e que tem relação com o outro. Para isso, basta respeitarmos as diferenças do nosso próximo, e batalhar para que todos tenham direitos iguais na sociedade.

A luta pela inclusão é desafiadora, tendo em vista os sistemas de ensino atuais, que precisam cada dia mais estarem preparados e organizados para atender as demandas da educação inclusiva. Atualmente, busca-se espaços organizados, com políticas públicas governamentais que atendam a sociedade de modo geral, sem nenhuma exclusão. Dessa forma, a inclusão, possibilita aos seres humanos viverem numa sociedade cada vez mais acolhedora, solidária, justa e humana.

Paulo Freire (1982), defende em seus trabalhos a ideia de que o processo educativo deve ser orientado pela ética da libertação. Conforme essa proposta, é preciso agir contra qualquer tipo de discriminação de raça, gênero e classe. O autor defende o respeito aos outros, a coerência, a capacidade de viver e de aprender com o diferente. Ensinar dentro desta ética é considerado por Freire (1982) algo absolutamente indispensável na convivência humana.

Sendo assim, o modelo inclusivo de educação surge como uma resposta à necessidade de abertura à diversidade onde todas as especificidades estão incluídas e onde o aluno surdo pode ter a voz ativa e seu espaço respeitado na sociedade. Ainda é muito recente para que se possam medir seus resultados e, provavelmente, ainda faltam muitos anos para que ele seja posto em prática de forma simples, eficiente e prazerosa para todos envolvidos. As discussões na área da educação baseadas na concepção de Freire (2002) vêm ganhando destaque na sociedade no que diz respeito à inclusão social, onde todos os sujeitos buscam a sua transformação social, para que todos possam conquistar os seus espaços. O autor nos faz refletir sobre as “falsas” transformações executadas pelo sistema opressor, que obscurecem as ideologias pessimistas e nos limita a ser uma coisa sem inacabamento do puro fazer.

A construção de uma prática inclusiva diz respeito a profundos questionamentos sobre como executá-la. A fala dos educadores demonstra uma resistência quando sustenta a impossibilidade do exercício dessa prática no sistema atual. Essa é a mais pura realidade. São por esses motivos, que devemos estar atentos ao poder de persuasão indiscutível que o discurso ideológico possui, sendo capaz de nos ameaçar e de anestesiar a nossa mente, fazendo com que a nossa curiosidade se confunda e que haja uma distorção da percepção dos fatos, das coisas, e dos acontecimentos ao nosso redor.

As escolas devem estar atentas e refletir diante da perspectiva da inclusão, em que estamos atravessando, levando em conta a diversidade dos seus alunos, incluindo assim o estudante surdo e as características dos sujeitos em processo de constante transformação, a fim de alcançar o objetivo de uma educação com equidade para todos. Nisso tudo, Freire (2002) nos leva a refletir sobre a importância de nós seres humanos nos movermos, agirmos e nos desenvolvermos no mundo, quando menciona que:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e

de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade (Freire, 2002, p. 58).

No decorrer de suas reflexões, o educador nos leva a refletir sobre a importância da nossa formação como indivíduo e nos faz valorizar a nossa história de vida, possibilitando uma reflexão crítica sobre que tipo de professores seremos para nossos alunos. Freire nesse trecho, desperta em nós seres humanos questões essenciais em relação ao nosso caráter pessoal e profissional. Se pensarmos no âmbito educacional, devemos levar em conta que estamos formando seres humanos para conviverem em sociedade, uns com os outros e precisamos desenvolver não apenas o lado profissional, mas o humano. Convivemos com uma ampla diversidade de pessoas, cada qual com suas características particulares. Por isso, a questão da empatia e respeito ao próximo devem ser priorizados.

2.2 Perspectivas inclusivas para o ensino de inglês a pessoas surdas

Nos dias atuais, os surdos têm garantido o seu direito à inclusão com o uso da Libras nas escolas, seja através dos intérpretes ou com o auxílio do professor. Eles usam o português como (L2) em sua forma escrita e aprendem o inglês como língua estrangeira (LE). Isso está disposto na Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) e no Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005), que aborda sobre a Língua brasileira de sinais, como disciplina curricular e do ensino do português como L2 para surdos.

Sabe-se que a aprendizagem do inglês como LE é um direito de todo cidadão, expresso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/Lei nº 9.394 de 1996) (Brasil, 1996). Segundo Silva (2005, p.66), “é inegável a importância da língua inglesa no mundo atual devido à abertura nos âmbitos comercial, cultural, científico, político e até mesmo turístico, em que ela é a ferramenta que permite que as trocas e/ou relações aconteçam”. Porém, a situação linguística atual dos estudantes surdos no aprendizado do inglês como LE é complexa.

A comunicação em língua de sinais é muito importante não só para os alunos surdos, mas para os ouvintes também. Os estudantes surdos necessitam dos sinais visuais em Libras, que são justamente, aqueles parâmetros em que eles aprendem e desenvolvem melhor todas as habilidades na língua de sinais. Assim, é essencial o uso da língua de sinais no processo de ensino/aprendizagem de línguas. Já o aprendizado de inglês como LE é mais complicado no caso do surdo, por ser baseado no português,

“uma língua na qual se supõe já exista um nível cognitivo desenvolvido, mas que ele ainda está aprendendo, melhor dizendo, que ele está tentando desestrangeirizar” (Silva, 2005, p. 72).

O aprendizado de língua inglesa proporciona uma oportunidade ao aluno surdo de se desenvolver cognitivamente e linguisticamente. Por isso, conhecer uma língua estrangeira é também um direito do cidadão surdo, e está disposto no artigo 205, da Constituição Federal de 1988 a educação como direito de todos e como dever do Estado e da família, com o propósito de desenvolver plenamente cada aluno, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o para o trabalho (Brasil, 1988). Antes dessas conquistas legais, cabia ao sujeito surdo adaptar-se à sociedade e à escola, mas com seus direitos garantidos nesse contexto de lutas e conquistas, a sociedade e a escola devem prover estratégias para adaptar-se às especificidades dos alunos surdos.

Diante do que já foi mencionado, também se faz necessário trazermos considerações acerca do papel do intérprete de Libras no ensino de inglês-L3. Em geral, os professores regulares de língua inglesa desconhecem Libras, e os intérpretes de Libras desconhecem a língua inglesa. Daí o estudante surdo, estando numa aula de línguas, adquire alguns dos seus conhecimentos linguísticos na forma de Libras.

Biotto (2016), nesse sentido, aponta que o desconhecimento da LE por parte do intérprete de Libras é um dos principais problemas enfrentados pelos aprendizes surdos na sala de línguas, corrompendo, assim, a organicidade do sistema. De acordo com a autora, muitas vezes, a aula de língua inglesa acaba sendo um espaço no qual o estudante surdo faz outras atividades que não estão relacionadas à disciplina, pela ausência de entendimento do enunciado dos exercícios e/ou da fala do professor por parte do intérprete. É um direito garantido à lei que toda a instituição de ensino que contenha estudantes surdos tenha intérpretes de Libras atuando nas salas de aulas, que estão asseguradas nas Leis nº 12.319/10 e nº 14.704/23. Porém, como podemos perceber, a falta de profissionais capacitados e especializados em determinadas áreas do conhecimento pode fazer com que a educação inclusiva não tenha o êxito esperado.

Para concluir, a organização da sala de aula também possui um papel importante. Os assentos devem ser disponibilizados de forma que os estudantes surdos tenham visão completa do intérprete e do professor. Ao meu ver, a estrutura da sala deve ser espaçosa e em formato de círculo. Isso vai permitir uma visibilidade maior tanto frente ao professor, como ao intérprete. Outra questão relevante, é a questão do barulho, pois

mesmo o estudante sendo surdo pode atrapalhar, já que muitos podem sentir as vibrações dos sons, levando a problemas de concentração.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 A natureza da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e se caracteriza como um estudo de caso. Segundo Lüdke e André (2018), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. De acordo com os autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. No caso específico desta pesquisa, os alunos surdos investigados fazem parte da comunidade surda da UFERSA, instituição que já faz parte do meu dia a dia, o que facilitou a compreensão e a investigação dos problemas ali existentes.

De acordo com Lüdke e André (2018), a justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que possamos entendê-lo. Da mesma maneira, as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem.

Outro ponto importante em relação à pesquisa qualitativa reside no fato de o pesquisador ser também uma ferramenta crucial para a análise de dados, a partir de um viés interpretativista. Neste sentido, entra em cena a minha subjetividade humana como uma pesquisadora que tem suas marcas sociais e políticas para a composição de uma leitura de mundo e que não se exime da responsabilidade de autoria de um texto. Por outro lado, é importante resguardar a ética de pesquisa que parte da necessidade de não interferir no encaminhamento que os dados apontam. Em relação a isso, observamos como importante um método de pesquisa qualitativa que dê voz aos participantes, os quais devem ser agentes de construção das narrativas de suas próprias experiências.

Na percepção de Lüdke e André (2018), os estudos de caso visam à descoberta. Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial servirá de estrutura básica a partir da qual novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida

em que o estudo avance. Dentro dessa perspectiva de pesquisa, o conhecimento nunca será algo acabado. É necessário haver uma construção que se faz e se refaz, para que o pesquisador possa estar sempre buscando novas respostas e novas indagações constantemente a fim de atingir o seu objetivo final, que é justamente o desenvolvimento do seu trabalho.

Ainda de acordo com Lüdke e André (2018), os estudos de caso enfatizam a "interpretação em contexto" (p.18). Um princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa. Se tratando de uma universidade, onde há muitos intérpretes, onde a comunidade surda é muito grande, o que inclui até mesmo o corpo docente, é necessário que sejam desenvolvidas mais pesquisas nessa área, pois são esses estudos que possibilitam uma melhora nas metodologias específicas de ensino para esse público.

Lüdke e André (2018), ainda ressaltam que os estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social, daí a importância de analisar as narrativas de aprendizagem dos alunos surdos, especificamente, nos espaços escolares, abordando a questão da inclusão que é um problema social complexo e urgente que preocupa constantemente no meio não só educacional mas em todos os espaços da sociedade, e a inclusão é uma necessidade que deve ser priorizada, nos projetos político pedagógico das escolas.

Discutir pesquisas qualitativas com base em narrativas de participantes é também pensar nos novos caminhos de investigação no campo da Linguística Aplicada. Em relação a isso, destacamos as considerações de Rajagopalan (2006) quando nos motiva a repensar o papel de ensino da LA na contemporaneidade. Para o autor, o fato de a LA ter surgido historicamente a sombra da Linguística Teórica, ainda pesa na hora dos linguistas redefinirem suas prioridades e, por isso, eles ainda se sentem acuados diante das novas possibilidades de pesquisas. Para ele, é necessário quebrar, na medida do possível, com a tradição, a fim de repensar o futuro do campo da LA como uma área que apresenta diferentes possibilidades de pesquisas.

3.2 Contexto e participantes

Esta pesquisa foi realizada na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), no Centro Multidisciplinar de Caraúbas, localizado na RN 223, km 01. Sítio Esperança II. Caraúbas, RN. Onde começou a funcionar no dia 16 de agosto de 2010 e foi idealizada com a proposta de formar profissionais nas áreas de Tecnologia, Licenciatura e Engenharia. Atualmente, tem 9 cursos de graduação: Ciência & Tecnologia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Letras com habilitação em Inglês, Letras com habilitação em Libras, Letras com habilitação em Português e Licenciatura em Física. Apartir do próximo

semestre 2024.1 contará com o curso de Licenciatura: Pedagogia Bilíngue dos Surdos. E contou com a colaboração de 3 participantes surdos que são caracterizados para além da surdez e por respeito nessa pesquisa esses sujeitos tiveram nomes fictícios: a) Ana, que tem surdez no ouvido direito moderada e no ouvido esquerdo severa; b) Léia, que também nasceu com surdez profunda e c) Neto, que perdeu a audição antes de completar um ano de idade. Os três são alunos surdos do Curso de Letras Libras da Ufersa Caraúbas apesar das suas especificidades, são pessoas fortes e determinadas que batalham diariamente para superar às suas dificuldades e foram escolhidos mediante sua disponibilidade em participar da pesquisa.

3.3 Estratégias para geração e análise de dados

A geração de dados da pesquisa teve como fundamento um questionário, o qual apresentou dois eixos de análises. o *Eixo de análise 1* é composto por 5 perguntas e gera informações pessoais relevantes para conhecermos a realidade dos alunos surdos entrevistados, a fim de explicar como foram seus contatos iniciais com a Libras e aspectos relacionados à surdez. Já o *Eixo de análise 2*, composto por 4 perguntas, buscou investigar a experiência escolar dos alunos surdos através de suas narrativas de aprendizagem de língua inglesa nas escolas. Em anexo, estão apresentados os questionários aplicados (Anexo II). Além disso, como requisito de participação na pesquisa, os participantes concordaram com as disposições de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual também se apresenta em anexo a esta pesquisa (Anexo I).

A geração de dados foi realizada no semestre 2023.2 no campus da Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA em Caraúbas, no Bloco III de aulas, contando com a participação de três alunos surdos do Curso de Letras Libras da Ufersa Caraúbas. O questionário foi administrado via *Google Forms*, tendo sido aplicado de forma individual com cada participante no turno noturno, durante um horário vago das aulas da noite de terça-feira, entre um tempo aproximado de 30-40 minutos. É importante destacar que houve a adaptação do Questionário aplicado pelo *Google Forms* em Libras pelo Serviço de Tradutor Intérprete de Libras Câmpus Caraúbas. A tradução foi gravada, e adicionada no drive com duração de 5 minutos e 9 segundos.

A análise de dados seguiu um viés interpretativista, tendo como orientação elementar as narrativas elaboradas pelos participantes da pesquisa. A sistemática desse viés interpretativo se preocupa em entender questões como a essência do mundo, do cotidiano, refletindo sob a perspectiva dos seus participantes. De acordo com Hatch e Yanow (2003, p. 66), “o mundo social não pode ser entendido da mesma forma que o mundo natural e físico”, uma vez que na

ótica interpretativista, o foco é dirigido às percepções dos sujeitos e para o significado que os fenômenos têm para estas pessoas. No caso específico desta pesquisa, buscamos investigar como as narrativas dos participantes ecoam suas experiências de aprendizagem de língua inglesa. Nesse sentido, buscamos evidenciar dificuldades e potencialidades, tendo como sustentação paradigmática a perspectiva do ensino inclusivo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise e a discussão dos dados transcritos foram realizadas considerando-se os objetivos propostos na pesquisa. Em termos sistemáticos, a análise dos dados será dividida em dois momentos. Primeiramente, atribuímos foco ao *Eixo de análise 1* do questionário, com o objetivo de conhecermos mais detalhadamente alguns elementos contextuais das vidas dos participantes. Em seguida, no *Eixo de análise 2*, nos moveremos para as narrativas de aprendizagem de língua inglesa.

4.1 Eixo de análise 1: as realidades dos participantes

Os questionamentos que orientaram esta sessão tiveram como objetivo elaborar um perfil dos participantes, desde a identificação de nomes fictícios até o detalhamento de suas experiências de desenvolvimento como pessoas surdas. As informações gerais deste âmbito de investigação seguem apresentadas na tabela abaixo, de modo que possamos visualizar os participantes comparativamente: Os dados sistematizados na tabela abaixo nos apresentam as linhas gerais sobre a relação dos participantes com a Libras, bem como o seu histórico de surdez.

Tabela 1 - Eixo de análise 1

	Ana	Léia	Neto
Nível de proficiência da Libras na família	Ninguém de sua família sabe Libras	Ninguém de sua família sabe Libras. Apenas a mãe sabe um pouco.	Ninguém de sua família sabe Libras
Idade em que aprendeu Libras	Entre 17 e 18 anos de idade	5 anos de idade	16
Surdez congênita	Sim	Sim	Não
Surdez antes de 1 ano de idade	Sim	Sim	Sim

Fonte: elaborado pela autora

Neste primeiro eixo de análise, percebe-se que os três alunos surdos entrevistados apresentam características em comum relacionados às indagações iniciais. O primeiro aspecto está relacionado ao conhecimento da Libras no âmbito familiar. Nenhum membro familiar dos três compreende a língua de sinais; o segundo se refere à surdez, e o último e que mais chamou atenção, foram as idades em que esses alunos surdos tiveram o primeiro contato com a Libras. Apenas uma aluna teve contato com a Libras com 5 anos, os outros dois já vieram a ter na adolescência, com 17 ou 18 anos de idade, na Universidade.

A partir desses dados, pode-se destacar que esses alunos sofreram muitas dificuldades, de se comunicar com a própria família, já que eles também não conseguiam se comunicar em Libras, não apenas a questão da comunicação, mas de se constituir como um sujeito de uma coletividade que a Libras proporciona. Este cenário é o exemplo de uma política excludente e de descaso ante a pessoa surda, como percebemos nas discussões de Mantoan (2003), aqui revela-se um contexto distante daquele que vislumbramos como inclusivo.

Por isso ressalto a importância do contexto educacional como meio possibilitador para a inclusão desse aluno na sociedade. Através da escola esses alunos podem ter possibilidades de aprender a se comunicar tanto no Português como em Libras e isso contribuirá para seu desenvolvimento pessoal. A escola é um espaço onde as barreiras da exclusão serão extintas, permitindo ao aluno uma jornada de inclusão.

4.2 Eixo de análise 2: narrativas de aprendizagem de língua inglesa

No segundo momento de investigação através dos questionários implementados, tivemos como objetivo acessar as narrativas de aprendizagem de língua inglesa dos alunos surdos. Mediante a análise dessas narrativas, buscaremos compreender êxitos e/ou dificuldades, além de traços de inclusão ou exclusão dos aprendizes em contextos escolares. Nove questões foram elaboradas para este eixo. As respostas dos participantes para cada pergunta desta seção serão apresentadas conjuntamente, seguidas por uma instância de análise. O questionamento inicial desta sessão teve como objetivo investigar como o aluno surdo avaliava a sua experiência escolar. As respostas dos participantes seguem apresentadas abaixo:

Resposta de Ana: *Mais ou menos. Sou aluna que foi muito tímida, reservada e boa, mas tivemos (os outros alunos ouvintes também) que teve muitas dificuldades grande na escola particular que alguns professores não estavam preparados pronta para receber aluna surda.*

Resposta de Léia: *Minha experiência foi primeira em São Paulo, que eu aprendi com contato de surdo da escola.*

Resposta de Neto: *Difícil vida escola é ruim só professores fala muito eu não entendi nada, nunca libras. Primeiro 1 ano tem Libras 2019 e tem Libras 2022 estudar escola.³*

Ao analisar esse questionamento inicial, podemos destacar como dificuldade (1) o despreparo do professor em lidar com pessoas surdas. Professores não dominam Libras. Os três alunos relatam terem enfrentado muitas dificuldades em suas experiências escolares. Eles deixam evidente que, não apenas a condição da surdez atrapalhou, mas a sociedade, o sistema que é o obstáculo, além das questões de timidez pessoal. É importante destacar que a aluna Ana teve a primeira experiência com o ensino de inglês numa escola privada.

O quinto questionamento, teve a finalidade de descobrir quantos anos o aluno surdo tinha quando começou a estudar a língua inglesa na escola pública, por em relação a essa pergunta, obtivemos as seguintes respostas:

Resposta de Ana: *Eu não sei ao certo da idade, mas comecei no fundamental até no ensino médio, acredito que foram todos os anos que estudei na escola particular da disciplina de inglês e outras disciplinas. Não estudei na escola pública não, nunca.*

Resposta de Léia: *6 anos.*

Resposta de Neto: *primeiro professor inglês ele sabe pouco Libras é inglês nota bom eu ele maravilhoso bom respeito ele.*

Um aspecto positivo nas narrativas, é notar que dois alunos tiveram uma experiência com o ensino de inglês na escola, sendo que um foi no contexto de escola privada no caso da aluna Ana e o outro numa escola pública no caso do aluno Neto. Um fator interessante observado, é quando o aluno Neto revela que teve um professor que sabia Libras e que sua experiência com esse professor foi positiva. As narrativas observadas, apontam um cenário inclusivo presente nas experiências escolares desses alunos. Além disso, a narrativa de Neto confirma o disposto por Biotto (2016) quando discorre sobre a relevância de os professores terem uma relação de intimidade com a Libras. É evidente que isso facilitou experiências de aprendizagem para o referido participante.

O sexto questionamento teve como objetivo investigar se o primeiro contato do aluno surdo com o inglês aconteceu na escola e como foi esta experiência. As seguintes respostas emergiram:

³ Não foi feito, nenhum tipo de alteração nos dados e que, portanto, a escrita preserva as marcas dos sujeitos surdos que tem o português como L2.

Resposta de Ana: *Sim. Aconteceu dentro na escola particular em sala de aula com as (os) professoras (es) de inglês e também de espanhol. No começo fiquei totalmente perdida que a professora falavam frases em inglês e falam português também claro mas na hora de fazer pra responder na prova era ainda pior que todas das questões escrita é inglês e depois que terminei do ensino médio aí eu fui visitar no Cas (instituição dos surdos) estudando de novo da aula de inglês com a outra professora ouvinte diferente e ela fez a mesma coisa de antes que eu já estudavam aí me fez relembrar o passado o que já foi ensinado antes na escola particular, eu acho a língua de inglês é muito chique e formal, todas as línguas dos idiomas diferentes é muito importantes. E aprendi algumas partes de inglês, espanhol, a língua americana de sinais, português e Libras.*

Resposta de Léia: *Nunca teve .mas foi muito difícil de achar de ingles nenhum*

Resposta de Neto: *2022 Sim. Aconteceu na escola, professor fala muito eu sou surdo, professor fala desculpa. Professor fala aprender Libras, melhor professor Libras inglês me ensinou eu entendi clara fácil Libras inglês escola*

A narrativa de Ana não descartou a possibilidade dela ter tido uma experiência de aprendizagem de ensino de LE, na escola privada. De acordo com a aluna Ana, ela já havia estudado inglês numa escola privada, mas revela que o CAS, Centro de Apoio ao Surdo, foi fundamental porque ela pôde revisitar o que já havia estudado anteriormente e desse modo, as coisas fizeram sentido para ela. Em contrapartida, Ana revela dificuldades vivenciadas no espaço escolar, o qual garantia o acesso, mas não a inclusão de alunos surdos. É relevante observar a diferença entre os dois termos, conforme apresentado por Mantoan (2003). Acesso é apenas o primeiro passo rumo à inclusão. Quanto à narrativa de Léia, sequer o acesso foi a ela garantido, o que sugere um traço de exclusão.

Ainda em relação à narrativa de Ana, sua motivação em aprender inglês residia no fato dela considerar esse idioma como algo chique e formal, e pode se configurar como uma crença acerca da língua inglesa, um argumento de motivação que está relacionado com as valorações sociais que ela construiu sobre a língua inglesa. A narrativa apresentada pelo aluno Neto, dá a entender que houve uma experiência positiva de aprendizagem "me ensinou eu entendi clara fácil Libras Inglês escola". Assim, ficou evidenciado que apenas um desses alunos surdos não teve a experiência com o inglês num contexto escolar.

A sétima pergunta do questionário teve como objetivo investigar as percepções dos aprendizes sobre os livros didáticos utilizados em suas experiências escolares:

Resposta de Ana: *Eu acho muito bom e é importante e eu gostaria de voltar a estudar inglês e a língua americana de sinais também, voltar tudo para pode conseguir aprender e fluente.*

Resposta de Léia: *Não.*

Resposta de Neto: *Não. Eu difícil inglês estudar pouco.*

Nesse questionamento sobre o livro didático utilizado para aulas de Inglês, apenas uma aluna surda falou que era importante pois, o livro iria contribuir no seu aprendizado e a ajudaria a ficar mais fluente. Os outros dois alunos responderam que não achavam importante o livro didático devido o ensino de inglês ser difícil. Em vista do livro didático ser considerado um material didático muito importante no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, seu uso se faz necessário, por oferecer muitos recursos, pedagógicos e linguísticos, apesar de não ser perfeito, o livro ainda continua presente nas escolas, servindo como uma referência e suporte no estudo desses alunos surdos.

A oitava pergunta explorou o âmbito das dificuldades enfrentadas nas aulas de inglês na escola e buscou investigar se e como os alunos surdos desenvolveram estratégias:

Resposta de Ana: *Antes eu ainda não sabia como lidar as minhas dificuldades, só sei que eu não escutava direito com a minha perda auditiva com o aparelho e alguns professores falavam de costas e muito rápido e eles alguns não estavam prontas pra me ajudar e sofri muito bastante demais. Desenvolvi algumas partes e vou precisar de desenvolver mais até ficar fluente se estiver o tempo livre para estudar inglês.*

Resposta de Léia: *Sim, teve dificuldade.*

Resposta de Neto: *Sim, é difícil não conseguir.*

Em relação às narrativas acima, percebe-se que apesar das dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos nas aulas de ensino inglês na escola serem desafiadoras e não saberem lidar com as suas especificidades, eles não conseguiram desenvolver estratégias eficientes de aprendizagem de língua inglesa e não tinham suporte para vencer essas dificuldades.

O nono questionamento direcionava os alunos surdos a olharem para suas experiências escolares, perguntando como eles avaliam o desenvolvimento da aprendizagem. As seguintes respostas foram fornecidas:

Resposta de Ana: *Aprendi algumas no básico, intermediário e falta se aprofundar mais e mais fluente também, eu gostaria muito aprender de novo e como ela é falada da pronúncia diferente e conhecer o que ela significa das palavras inglês também.*

Resposta de Léia: *Não.*

Resposta de Neto: *Antes 2022 professor Libras inglês me ensinou aprender pouco. Hoje não lembro.*

Considerando, as narrativas acima, percebemos que estes alunos tiveram experiências divergentes de inglês na escola. Enquanto Ana conseguiu aprender o básico, Leia e Neto não desenvolveram aprendizagem significativa. Diante dessa investigação, há o interesse em confirmar se, de fato, os alunos investigados consideram importante aprender inglês e se já se sentiram excluídos em suas experiências escolares por serem pessoas surdas. A tabela abaixo sintetiza essa resposta:

Tabela 2 - Dados referentes às questões 10 e 11

	Ana	Léia	Neto
É importante o aluno surdo aprender Inglês	Sim.	Não.	Não.
já se sentiram excluídos por serem surdos	Sim.	Sim.	Sim.

Fonte: elaborado pela autora

Ante o exposto, notamos que há uma relação direta entre a experiência de exclusão e a motivação em se aprender uma nova língua, nesse caso, o inglês. Apenas Ana considerou relevante para um aluno surdo ter o domínio da língua inglesa, enquanto os demais consideram esta uma aprendizagem irrelevante. Em contraponto, todos os participantes concordam que já se sentiram excluídos na escola. É interessante observar que, dentre todos os participantes, Ana foi aquela que, mesmo com algumas dificuldades, ainda conseguiu ter êxito em algumas experiências de aprendizagem de inglês em âmbitos institucionais (na escola e no CAS). Isso certamente tem relação direta com a motivação aparente em suas narrativas de aprendizagem.

O último questionamento tinha como propósito, saber quais críticas poderiam ser feitas para que as escolas pudessem ter sido mais inclusivas.

Resposta de Ana: *Na época, no passado não tinham nenhuma Intérprete/tradutor e nem ninguém para me auxiliar/me ajudar, aí muitos alguns colegas me zombavam, riram na minha cara, faltavam respeito, não tinham empatia, já sofri alguns bullying por não ser igual a eles (as), por ser uma pessoa diferente muito tímida etc., e por não ser inteligente porque eu ainda estavam tentando procurar pra entender e precisava da ajuda para poder crescer nos desenvolver melhor mas não tive apoio, sofri calada na escola, casa etc. Era muito atormentada e tantos sofrimentos todos os anos que passei e passo atualmente também que me esforço para lidar algumas situações dos problemas pessoais sozinhas. Hoje em dia atualmente ainda tem sim que muitos surdos (as) também sofrem pela falta de comunicação em Libras que a maioria não sabe, algumas pessoas desprezam os surdos de Libras e surdos também tem mais dificuldades de algumas línguas diferentes.*

Resposta de Léia: *o mais importante é respeito e aprender com melhor e ajudar as pessoas a comunidade surda e com empatia.*

Resposta de Neto: *Ah entendi sim*

Diante das narrativas analisadas, podemos perceber que os alunos surdos sempre foram pessoas fortes que enfrentam desafios diariamente. Não é de hoje, nem esses obstáculos estão relacionados apenas ao âmbito educacional, eles também se refletem na vida pessoal, interferindo na subjetividade desses alunos surdos. Ao falar sobre suas experiências escolares, os alunos ressaltam cada vez mais a necessidade que temos de discutir e reconfigurar os espaços escolares e lutar por uma prática educacional inclusiva.

Considerando as respostas dos discentes surdos, enquanto futura discente de Inglês, buscarei desenvolver práticas educacionais inclusivas e voltadas para atender esses alunos de forma justa, onde irei assumir uma postura flexível, respeitando o aluno, tendo empatia, com o objetivo de contribuir com o desempenho de todos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar um estudo sobre pessoas surdas e suas biografias de aprendizagem de língua inglesa na escola básica, tendo como fundamentação a discussão sobre o ensino inclusivo. A partir da análise das narrativas dos alunos surdos sobre as suas experiências de aprendizagem de língua inglesa nas escolas, podemos perceber que os alunos surdos sempre foram pessoas fortes e que apesar dos seus desafios diários, não se vitimizam, tem muita representatividade e lutam pra conquistar seu espaço na sociedade. Esses obstáculos estão relacionados apenas ao âmbito educacional, eles também se refletem na vida pessoal, influenciando em suas subjetividades.

Todos os participantes relataram muitas dificuldades de aprendizagem na escola. No entanto, uma das participantes, a que veio de um contexto de escola privada, conseguiu narrativizar alguns êxitos (tanto no espaço escolar, quanto no CAS). De modo geral, os aprendizes consideram que viveram experiências de exclusão na escola, mas um dos participantes, Ana, define ser importante que pessoas surdas aprendam inglês e se sente motivada enquanto a isso. Já os demais participantes, não apresentaram a mesma motivação e consideram irrelevante a aprendizagem de inglês para alunos surdos.

Portanto, os resultados obtidos a partir das narrativas apresentadas pelos três alunos surdos, em relação às suas experiências escolares com o ensino de inglês nos fazem perceber que as maiores dificuldades enfrentadas por eles foram os desafios relacionais. A exclusão promovida por um sistema escolar inapto quanto ao uso de Libras os fez individualizar culpas e trazer para si a ideia de que o problema residia em suas próprias realidades, como por exemplo, não escutar direito devido a perda auditiva, não conseguir compreender alguns professores em sala que falavam de costas, ou muito rapidamente, não conseguir se relacionar integralmente com familiares em Libras. Isso tudo pareceu desenvolver somatizações como a timidez e a insegurança, enquanto, na verdade, essa era uma deficiência situada na relação com o despreparo de um mundo sem domínio da Libras, que são saberes necessários para garantir com que esse aluno surdo possa vir a se desenvolver em sala.

Em segundo lugar, constatou-se que apesar dos desafios do ensino de LE para surdos, as narrativas apontam que esses alunos vivenciaram experiências positivas com o ensino de inglês na escola. Vale ressaltar, que um aluno revelou que teve um professor que sabia Libras e que sua experiência com esse professor foi significativa. Em terceiro lugar, notamos que questões como exclusão escolar, o bullying e a falta de respeito ao próximo ainda são fatores presentes e agravantes não apenas nas escolas públicas e particulares, mas também, na própria universidade. Por último, revelamos que traços de inclusão também se fizeram presentes, rompendo as barreiras excludentes e possibilitando mais igualdade para todos.

Espera-se que este estudo, venha possibilitar e encorajar o desenvolvimento de pesquisas futuras em relação a importância das narrativas dos alunos surdos, a formação desse professor de inglês - e, por que não, desse intérprete de aula de inglês -, que deve ser apto e capacitado a lidar com essas diversas línguas e com essas diversas subjetividades. Entende-se que os resultados alcançados com esta investigação podem em muito contribuir para as práticas pedagógicas de profissionais da área de Educação Especial e do ensino de LE, bem como com professores e futuros professores de inglês como LE de alunos surdos, com o propósito de apresentar-lhes diferentes maneiras de lidar com esses alunos em sala de aula e de os fazerem refletir sobre a importância da Inclusão e da diversidade.

Diante da relevância que esses alunos surdos trouxeram para minha pesquisa, posso afirmar que esse trabalho possibilitou um novo olhar para estes sujeitos surdos e suas trajetórias de vida escolar. Sei que não é fácil para eles conviverem numa sociedade, onde o ser diferente, é ser visto como um problema ou algo difícil de conviver. Ainda existe preconceito, falta de empatia e respeito ao próximo, mas também existem pessoas que acreditam num mundo mais justo e igualitário onde a inclusão se torna um sonho possível.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Ação Social. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF: CORDE, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 4021/1996.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Regulamento. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências** [...]. Brasília, DF, [2002]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.html. Acesso em 01 fev. 2022.

BIOTTO, F. **A aprendizagem da LI – L3 na educação básica por estudantes surdos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras – Libras). Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2016.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, 1987.

HATCH, Mary Jo; YANOW, Dvora. **Organization theory as an interpretative science**. In KNUDSEN, Christian; TSOUKAS, Haridimos. (Ed.). *The Oxford handbook of organization theory* Oxford: Oxford University Press, 2003. Chapter 2. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315717376_Organization_Theory_as_an_Interpretive_Science. Acesso em: 04 jun. 2021. **Estrangeiras**. Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE – Ano 1 – Nº 01 – Agosto/2007

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. L975p 2018. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. (Temas básicos de educação e ensino) I Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. - São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Igualdade e Diferenças na Escola – Como andar no fio da navalha**. Revista Educação. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1 (58), p. 55 – 64, Jan./Abr, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Repensar o papel da Linguística Aplicada**. 2006 In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. **"Por uma Linguística Aplicada"** Editor: Marcos Marcionílio. 2 edição: março de 2008. Da edição: Parábola editorial, São Paulo, julho de 2006.

SILVA, C. M. O. **O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos**. **Dissertação de Mestrado**. Universidade de Brasília: 2005.

ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Solicitamos a sua participação como voluntário(a), da pesquisa qualitativa **NARRATIVAS DE ALUNOS SURDOS SOBRE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DO ENSINO INCLUSIVO**, sob responsabilidade do pesquisador e orientador **Jeová Araújo Rosa Filho** e de sua pesquisadora assistente **Antônia Genilma da Costa Oliveira**, tendo por objetivo investigar questões relacionadas a pessoas surdas e narrativas de Aprendizagem de língua inglesa nas escolas.

Para realização deste trabalho, você participará de um questionário semiestruturado, em dia e horário a ser combinado previamente. Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem os participantes da pesquisa. Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo(a) tais como filmagens, fotos, gravações etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de participação agora ou futuramente.

Na pesquisa qualitativa, habitualmente, não existe desconforto ou riscos físicos. Entretanto, o participante poderá se sentir desconfortável em compartilhar informações pessoais, confidenciais ou falar sobre alguns tópicos que causem incômodo. Portanto, deixamos claro que nenhum participante precisará responder a qualquer pergunta ou compartilhar informações obtidas em debate/entrevista/pesquisa, caso a considere de ordem pessoal ou sinta qualquer desconforto em falar.

Caso você sinta algo dentro desses padrões, comunique aos pesquisadores para que sejam tomadas as devidas providências. Imediatamente abandonaremos o uso de qualquer possível informação que seja avaliada pelo participante como imprópria. A participação nesta pesquisa é de grande valor. Através dela, buscaremos desenvolver estratégias que busquem contribuir com o ensino de língua inglesa no Brasil.

O participante terá os seguintes direitos: o recebimento de uma via assinada do TCLE, a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de que em caso aja algum dano a sua pessoa (ou o dependente). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelos pesquisadores.

Duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pela pesquisadora assistente, **Antônia Genilma da Costa Oliveira**. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contrato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Afirmadas as responsabilidades acima, Eu, **Antônia Genilma da Costa Oliveira**, me responsabilizo em cumprir as exigências aqui expostas. Em caso de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar os pesquisadores **Jeová Araújo Rosa Filho** (jeová.araujo@ufersa.edu.br) ou **Antônia Genilma da Costa Oliveira**, (antonia.oliveira46210@alunos.ufersa.edu.br).

Li e aceito as condições do TCLE. Obs: Ao aceitar, você concorda com os termos e as condições expostas anteriormente e dará continuidade à pesquisa. () Sim () Não

ANEXO II: QUESTIONÁRIO DO GOOGLE FORMS APLICADO DA MINHA PESQUISA

Caro Aluno(o) (a), Em primeiro lugar gostaria de agradecer –lhe por responder este questionário. É importante esclarecer que suas respostas verdadeiras são relevantes uma vez que este questionário é parte de uma pesquisa do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido de Caraúbas/RN – UFERSA, financiada pela discente Antônia Genilma da Costa Oliveira em prol da coleta de dados para o TCC.

- *Nome Fictício:*
- *Gênero:*
- *Quem da sua família sabe Libras além de você?*
- *Com quantos anos você aprendeu Libras, e quem te ensinou?*
- *Assinale a alternativa:*
- 1. *Você nasceu surdo*
- 2. *Você perdeu a audição antes de completar um ano de idade*
- 3. *Você perdeu a audição antes de completar dois anos de idade*
- 4. *Você perdeu a audição antes de completar três anos de idade*
- 5. *Você tem algum resquício auditivo*

Experiência Escolar

- *Como você avalia a sua experiência escolar como um(a) aluno(a) surdo(a)?*
- *Quantos anos você tinha quando começou a estudar a língua inglesa na escola pública?*
- *O seu primeiro contato com o inglês aconteceu na escola? Conte-nos um pouco sobre esta experiência.*
- *O que você achava dos livros didáticos utilizados para as aulas de inglês?*
- *Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas nas aulas de inglês na escola? Você conseguiu desenvolver alguma estratégia para lidar com essas dificuldades?*
- *Ao olhar para sua experiência escolar, você considera que conseguiu aprender inglês na escola?*
- *Você acha que é importante pro aluno surdo aprender um outro idioma, como o inglês?*
- *Já estudou em alguma escola onde tenha se sentido excluída pelo fato de ser uma aluna surda?*
- *Caso você tenha respondido sim na questão anterior, quais críticas você faria à sua escola para que ela pudesse ter sido mais inclusiva?*